

# Juventude e Lesbianidades: Armários e visibilidades no romance *Conectadas*, de Clara Alves

## Youth and Lesbianities: Closet and visibility in the novel *Conectadas*, by Clara Alves

Thamires Andrade Reiss<sup>1</sup>  
Daniela Aua<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Partindo do romance *Conectadas* (2019), de Clara Alves, abordamos a temática da lesbianidade na adolescência. Tal reflexão dialoga sobre os processos de esconder(-se) e assumir(-se) envolvidos no conceito de “armário” e sobre a influência dos encontros propiciados pela educação literária neste contexto. Por fim, discutimos a importância da visibilidade lésbica em produtos da cultura e ressaltamos a necessidade de obras como o romance *Conectadas* (2019), para o questionamento de padrões e estímulo a reflexões, em seus leitores e leitoras.

**ABSTRACT:** Starting from the novel *Conectadas* (2019), by Clara Alves, we approach the theme of lesbianity in adolescence. The reflection dialogues about the processes of hiding(oneself) and assuming(oneself) involved in the concept of “closet” and the place of the school in this context. Finally, we discuss the importance of lesbian visibility in cultural products, we emphasize the need for works like *Conectadas* (2019), to question standards and stimulate reflections in their readers.

**PALAVRAS-CHAVE:** Visibilidade lésbica; Juventude e lesbianidades; Armário; *Conectadas*; Relações de gênero.

**KEYWORDS:** Lesbian visibility, Youth and Lesbianities; Closet; *Conectadas*; Gender relations.

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos / UFSCar – PPGEd-So.

<sup>2</sup>Doutora e Mestra em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos / UFSCar – PPGEd-So.



---

O encontro com o romance *Conectadas* (2019), de Clara Alves, aconteceu nas investigações iniciais para a escrita da seleção de mestrado. Com interesse voltado para as temáticas gênero, educação e literatura juvenil, houve uma busca em livrarias, sites e blogs literários por livros brasileiros dirigidos ao público jovem que retratam protagonistas mulheres adolescentes e que foram publicados entre 2000 e 2020. O projeto de análise da representação da adolescência nos livros levantados ganhou outros contornos, e a pesquisa passou a ter foco em *best sellers*, como os selecionados como objeto da pesquisa desenvolvida e orientada pelas autoras, *Confissões de uma garota excluída, mal-amada e (um pouco) dramática* (2016)<sup>3</sup>, de Thalita Rebouças, e *Cinderela Pop* (2017)<sup>4</sup>, de Paula Pimenta.

Em meio a cerca de cinquenta livros encontrados naquele momento, *Conectadas* chamou a atenção por ser o único que apresenta como protagonista uma jovem na descoberta de sua sexualidade lésbica. E, nesse sentido, há uma ressalva sobre o uso do termo descoberta. Embora seja amplamente empregada, a palavra não expressa a complexidade do processo que vem se denominando. No lugar de descoberta, que se percebe a partir de um momento, dado ou acontecimento, defende-se então a noção de um processo de ponderação sobre o exercício do desejo e de uma sexualidade que não a heterossexual, e que isso inclui, na percepção do sujeito, a si mesmo. Assim, o termo descoberta se refere ao próprio desejo, a um se voltar para si mesmo e para o próprio exercício sexual, utilizando-se daquilo que já se sabe socialmente como orientação sexual, e que difere da heterossexualidade.

---

<sup>3</sup>REBOUÇAS, Thalita. *Confissões de uma garota excluída, mal-amada e (um pouco) dramática*. São Paulo: Ed. Arqueiro, 2016.

<sup>4</sup>PIMENTA, Paula. *Cinderela Pop*. Lisboa: Grupo Editorial Record, 2017.

Lesbianidades, Visibilidade, Educação e Comunicação são temáticas que perpassam os projetos de nosso Grupo de Pesquisa e as ações de militância Coletiva que nasceu no interior do grupo<sup>5</sup>. Nesse contexto, notando que há ainda pouco foco em juventude e lesbianidades, as considerações acerca da leitura e da experiência da protagonista Raíssa apontam para a influência da literatura na formação das subjetividades, assim como para a importância da temática da visibilidade lésbica. Assim, o encontro com o romance *Conectadas* provoca conexões entre os campos da literatura, estudos de gênero e educação.

A escolha pela literatura como campo de diálogo com os estudos de gênero se dá pela importância de sua atuação nos processos de formação e humanização, tal como formas intencionais de educação que ocorrem nas famílias e escolas, como apontado por Antonio Cândido (2011). As obras de ficção ajudam na compreensão dos valores que circulam na sociedade, seja na forma de afirmação, negação, proposição, denúncia, apoio ou combate, “fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CÂNDIDO, 2011, p. 177). A literatura pode proporcionar reflexões, aprendizados, um olhar mais sensível para as outras pessoas, o afinamento das emoções e a abertura para a compreensão de questões complexas da existência.

Tzvetan Todorov (2009) lembra que personagens dos livros podem se tornar boas companhias e que a leitura pode auxiliar a dar forma aos sentimentos experimentados pelas pessoas, as ajudando a viver e compreender melhor o mundo e a si próprias. Considerando o público jovem, em pleno questionamento

---

<sup>5</sup>O Flores Raras, grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Comunicação e Feminismos é composto por professoras e alunas da Universidade Federal de Juiz de Fora e de outras instituições, organizadas em duas linhas de pesquisa: Movimentos Sociais, Políticas Públicas, Educação e Cidadania, Relações de Gênero, Socialização, Comunicação e Democracia. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/educacomunicafeminismos/quemsomos/pesquisadoras/>>. Acesso em 15 nov. 2022.



---

sobre si e o mundo e consolidação da identidade, essa contribuição se torna ainda mais potente. Como discutido adiante do ponto de vista do debate sobre as relações de gênero, o encontro com personagens que são e vivem de formas diversas é essencial.

Michèle Petit (2009) coloca o ato de ler como uma boa maneira de resistir à adversidade. Petit mostra que há textos que ajudam a viver em momentos especialmente difíceis (2009, p. 174). E, de modo a concordar com Petit, Daniela Auad (2021, p.02), recorda que, em realidades profundamente dolorosas, a leitura é uma reserva de liberdade, um espaço de cura, onde é possível forjar para si maneiras de renascer em tempos de catástrofe. Pode esse renascer a partir de vivências afetivas e sexuais semelhantes às suas na literatura, considerados como um respiro e uma maneira de lutar, ser encontrado também por jovens lésbicas em obras com as quais se sentem conectadas?

Assim, o campo para questionamentos é variado, sendo que algumas perguntas se destacam. Como se sente uma adolescente que percebe que, diferente do esperado, se interessa por outras garotas, e não por garotos? Que recursos o mundo ao seu redor – família, escola, mídia, amigos, produtos da cultura – oferece para que entenda e acolha os seus próprios sentimentos e preferências? Que dificuldades e sofrimentos encontrará no percurso de reconhecimento de seus desejos? Essas são algumas das reflexões possíveis a partir da história contada por Clara, escritora bissexual que alcançou a marca de 100 mil exemplares vendidos com o romance *Conectadas*.

Como apontado por Adrienne Rich (2019), há uma tradição de apagamento da existência lésbica nas artes, no cinema e na literatura, salvo sob o direcionamento exótico e perverso, bem como um reforço da idealização do casamento e do amor romântico heterossexual transmitidos desde a infância por

contos de fadas, canções, filmes e publicidade. A literatura, assim como a pornografia, tem educado mulheres para se perceberem como presas sexuais realizadas apenas no encontro amoroso heterossexual.

São escassas as produções literárias, sobretudo dirigidas ao público infantojuvenil, que tratam da lesbianidade. *Conectadas* traz visibilidade ao tema de maneira sensível e bem escrita, questionando padrões e modelos estabelecidos a partir das relações de gênero tradicionais, e, assim, provocando reflexões em leitores, leitoras e, por intermédio destes e destas, em toda a sociedade. Deste modo, busca-se oferecer visibilidade à temática juventude e lesbianidades pela obra literária em tela. Além disso, pretende-se contribuir para o diálogo sobre obras literárias na socialização de crianças e adolescentes, assim como de pessoas de variadas gerações, sobretudo no que se refere a temáticas pouco exploradas na mídia, nos livros didáticos e nos meios estabelecidos e aceitos para a socialização de crianças, jovens e adultos.

A percepção da possibilidade do exercício do desejo a partir do que difere da heterossexualidade pode ser sofrida e conflituosa. Experiências correspondentes à lesbianidades e bissexualidades na adolescência podem vir acompanhadas por preconceito, ausência de espaços de apoio e de compartilhamento de experiências, bem como de referências em que as jovens possam se apoiar. Se é esperado que a adolescência seja uma fase da vida em que diversos conflitos acontecem, quando a sexualidade se desenvolve conforme esperado socialmente – ou seja, dentro dos padrões da heterossexualidade –, para aquelas cujo desejo segue outra direção, surgem ainda mais questões e maiores sofrimentos. Essa conjuntura de dificuldade é, portanto, acirrada pela misoginia contida no interior da homofobia e da lesbitransfobia.



---

## 1.0 sofrimento no/do armário

*“Lésbica: a palavra temida  
Lésbica: invisível indizível  
Lésbica: furiosa raivosa  
Lésbica: solitária mal amada...”*  
Rubra Poesia<sup>6</sup>

A protagonista do livro *Conectadas* (ALVES, 2019), Raíssa, entra em contato com o universo *gamer* aos 14 anos e, de imediato, se depara com o machismo presente entre os jogadores, que se recusam a jogar com ela porque é uma garota. A solução encontrada pela jovem consiste em criar um avatar masculino e uma nova identidade masculina para ser aceita pelos outros jogadores. Usando seu talento para a interpretação e sua boa capacidade de mudar a voz, ela passa a habitar o universo como homem e, assim, é “aceita”. Pode-se dizer que este é apenas um dos “armários” que a personagem habita, usando de seus melhores talentos para caber em um espaço que não a aceita como é. Ali, admira exatamente as personagens femininas, que vê como incompreendidas, talvez justamente por se sentir como elas: “menosprezadas pelos jogadores quando suas histórias eram obviamente as mais interessantes.” (ALVES, 2019, p. 13).

Jogando *Feéricos*, seu jogo preferido e um dos mais populares do momento, com um avatar masculino e o nome do melhor amigo, Léo, Raíssa conhece Ayla, uma garota que encontra dificuldades para jogar. Raíssa passa a apoiá-la no jogo, a forte amizade entre elas aos poucos avança para um romance à distância e a confusão se faz: Raíssa está apaixonada por Ayla, e Ayla está apaixonada por Léo, que não sabe ser Raíssa, que está dividida entre a culpa pela mentira, a dificuldade de “se assumir” e o medo de perder a garota que ama.

---

<sup>6</sup>Poeta e multiartista. Do poema “Lésbica: a palavra temida”. Poema completo disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/756839/existencialesbicaempoesia.pdf?ltclid=>>>.

Esconder-se sob um avatar masculino pode ser considerado um “armário” que aprisiona Raíssa, fazendo com que se sinta isolada, solitária e sob pressão por ter que sustentar a mentira. É necessário manter o segredo, o que a impede de compartilhar sua experiência no jogo com outras pessoas. Ao ter que encenar uma mentira no jogo de RPG, Raíssa perde, por exemplo, a oportunidade de conhecer e compartilhar com outras meninas a experiência, dificuldades e conquistas de ser garota e *gamer*, construindo uma rede de apoio e cuidado. Quantas relações e experiências perdem-se e quantos espaços e acessos são negados simplesmente a quem nasce com dada anatomia sexual e não com outra?

Nesse sentido, Teresa de Lauretis (2019) lembra que gênero é representação hierárquica com implicações tanto concretas e reais quanto sociais e subjetivas na vida das pessoas:

Considerando este pano de fundo, ganha sentido os cinco estágios da pandemia apontados por Zizek (2020), inspirado pelas contribuições de Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra que descreve os estágios da descoberta de uma doença terminal. Adaptando para a pandemia, o autor elenca a negação (rejeição populista da pandemia), a raiva (identificação do bode expiatório), a negociação (tentativa de minorar os danos), a depressão (abatimento pelo estado real das coisas) e, por último, a quinta fase desse confronto, a aceitação. A aceitação, segundo o filósofo, pode assumir duas direções:

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente e nas quais todos os seres humanos são classificados, formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. (LAURETIS, 2019, p. 126)



---

Na vida de Raíssa, as implicações são negativas. Estar aprisionada no avatar masculino a submete a um sentimento de culpa por mentir para a garota pela qual está apaixonada, para os pais e para os colegas jogadores, sabendo que “o que estava fazendo era horrível” (ALVES, 2019, p. 14) e sentindo-se “um lixo” (ALVES, p. 15). Nas palavras de Rich:

A mentira mantém inúmeras mulheres aprisionadas psicologicamente, tentando encaixar mente, espírito e sexualidade num roteiro prescrito porque não podem olhar além dos parâmetros do aceitável. Retira a energia dessas mulheres ao mesmo tempo que drena a energia das lésbicas “no armário” – a energia que se esgota na vida dupla. A lésbica presa no “armário”, a mulher aprisionada nas ideias prescritivas do “normal”, compartilham a dor de opções impedidas, conexões interrompidas, do acesso perdido à autodefinição assumida de forma livre e vigorosa. (RICH, 2019, p. 82)

Maiores dificuldades para Raíssa derivam de sua descoberta – ou autopercepção – como lésbica para além do avatar masculino, o que acontece por volta dos 12 anos. Sabe-se que, como expresso no trecho do poema de Rubra, ser uma mulher lésbica implica em sofrer uma série de preconceitos, discriminações e invisibilidades. Mas antes mesmo dessa idade Raíssa já experimentava uma sensação de ser diferente das colegas de escola e do que era esperado dela e admirava a beleza de outras garotas e não de garotos. A consciência de sua lesbianidade e a necessidade de “se assumir” resultam em isolamento e uma série de medos para a personagem, consequências da vida no “armário” que exige energia e administração constante, como colocado por Rogério Junqueira:



Ora, o “armário”, esse processo de ocultação da posição de dissonância ou de dissidência em relação à matriz heterossexual, faz mais do que simplesmente regular a vida social de pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo gênero, submetendo-as ao segredo, ao silêncio e/ou expondo-as ao desprezo público. Com efeito, ele implica uma gestão das fronteiras da (hetero)normalidade (na qual estamos todos(as) envolvidos(as) e pela qual somos afetados(as)) e atua como um regime de controle de todo o dispositivo da sexualidade. Assim, reforçam-se as instituições e os valores heteronormativos e privilegia-se quem se mostra devidamente conformado à ordem heterossexista. (JUNQUEIRA, 2013, p. 486)

Raíssa sofre por não ter com quem conversar sobre sua sexualidade e, principalmente, pelo medo de não ser aceita: “O medo constante de ser eu mesma, sem me preocupar com as consequências que isso poderia trazer, era um sentimento horrível, que me acompanhava todo santo dia” (ALVES, 2019, p. 247). Há também o medo de sofrer rejeição e até mesmo violência:

Mesmo que soubesse que minha sexualidade não define quem sou, eu tinha a impressão que mudaria a visão que os outros tinham de mim. (ALVES, 2019, p. 171)

Era, sim, assustador pensar que eu podia ser rejeitada pelos meus pais, pelos meus parentes, pelas pessoas na rua. Que eu podia ter que viver um medo constante de que alguma coisa acontecesse comigo e com as pessoas que eu amava (ALVES, 2019, p. 214)

O medo da rejeição está ligado principalmente à família. Raíssa teme que, se contar aos pais, nunca mais queiram vê-la, expulsem-lhe de casa e a odeiem, e questiona ainda se o fato de ser lésbica é uma decepção para seus pais. Tais medos fazem com que a jovem se ocupe constantemente da indagação acerca do melhor



---

momento e estar preparada para se assumir, experiência adversa à qual jovens heterossexuais não são submetidos. Nos conta Raíssa:

Levou meses para que eu conseguisse dizer em voz alta que era lésbica. E mais anos para que o Léo conseguisse me fazer acreditar que isso era normal. Que gostar de meninas não era errado. Mas eu ainda não tinha conseguido superar a maior dificuldade: me assumir para todo mundo. Principalmente para meus pais. (ALVES, 2019, p. 29)

Eu não estava pronta para admitir ao mundo que gostava de meninas. Não tinha certeza de como as pessoas iam reagir, principalmente meus pais. Minha mãe era toda “respeito as opções de cada um, mas não precisa ficar se beijando em público”, como se fosse muito mente aberta, mas ela não entendia que: 1) Não era uma opção. Se fosse, será que eu não teria escolhido o caminho mais fácil? E 2) Aquele era exatamente o tipo de pensamento que só pessoas preconceituosas tinham. Afinal, ela nunca reclamava de casais héteros, mesmo que a conduta deles às vezes fosse muito mais explícita. (ALVES, 2019, p. 61)

Sobre este ponto, coloca Eve Sedgwick “Quando pessoas gays se assumem em uma sociedade homofóbica, por outro lado, talvez especialmente para os pais ou cônjuges, é com a consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções” (SEDGWICK, 2007, p. 39).

A feira ArtRio também apostou em concursos *online*. Por meio de chamadas abertas em seu *Instagram* (@arrio\_art) promoveu a Mostra Fotográfica Retratos da Quarentena, que contou com duas edições. A proposta foi incentivar fotógrafos amadores e profissionais a produzir registros das mudanças no cotidiano geradas pela pandemia.

Ainda sobre a vivência nos limites do dentro e fora do armário da privacidade, afirma:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em *Peter Pan*, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

Raíssa conta o quão cansativo é este processo de administração constante dos armários:

Se eu não tivesse que me assumir, sair do armário, lutar para ser respeitada... Se a cada pessoa que eu gostasse eu não tivesse que passar de novo pelo processo da descoberta, de identificar a sexualidade dela, para só então tentar alguma coisa... Se eu não precisasse passar por nada disso, talvez a vida fosse mais fácil. (ALVES, 2019, p. 234)

Assim como Raíssa, Ayla também não tem uma boa experiência em ser uma mulher no universo *gamer*: “quando os caras não estavam me ignorando por ser mulher, estavam dando em cima de mim por eu ser mulher e gamer. Era nojento e frustrante” (ALVES, 2019, p. 19). As personagens compartilham também o sentimento de confusão dentro de si diante da percepção de sentir atração por outras meninas da escola e Ayla precisa ser acalmada e convencida de que não há



---

nada de errado em gostar de meninas. No entanto, diferente de Raíssa, Ayla se identifica como bissexual, identidade também incompreendida e invisibilizada, cotidianamente interpretada como confusão e curiosidade. Nas palavras de Ayla, nota-se o sofrimento representado por tal experiência:

Eu gostava de meninos e isso foi fácil perceber. Quer dizer, é o que todo mundo diz que é o normal, então eu nunca tive que entrar em conflito por isso. Mas também gostava de algumas garotas, e eu me dizia que era só admiração, que era curiosidade e logo ia passar, que era só fase da adolescência. (ALVES, 2019, p. 294)

Mal sabiam a confusão que tinha que lidar todo dia por causa dos meus sentimentos. O que diriam se soubessem da atração que senti pela Ana Luiza, uma veterana do ensino médio, quando entrei na escola? E, alguns meses depois, pelo Pedro Paulo, meu colega de turma? (ALVES, 2019, p. 116)

Por mais que eu tentasse definir aquilo como curiosidade, eu tinha certeza de que ninguém veria com bons olhos a atração que eu sentia por pessoas, independente do gênero. (...) Cada vez que eu tentava dizer a mim mesma que não tinha nada de errado em gostar de meninas, que eu era normal, o medo de estar errada me fazia sofrer. (ALVES, 2019, p. 117)

Todos os dias eu esperava que aquele conflito passasse, que eu me apaixonasse por um único garoto e nunca mais tivesse que pensar nisso. (ALVES, 2019, p. 117)

Isadora Maria Santos Dias (2017) reflete sobre o não-lugar da bissexualidade como expresso pela experiência da personagem. A força de padrões monossexuais apaga a bissexualidade, que também não é apresentada de forma adequada e é pouco representada em narrativas literárias e midiáticas sem compromisso com a diversidade da comunidade bissexual. A escolha de Clara Alves de construir uma

personagem que se entende como bissexual vencidas algumas dificuldades, é, portanto, bastante importante.

A questão do “armário” é agravada para sujeitos adolescentes, em uma fase entendida como um momento de inconstâncias e experimentações, em que o desejo expresso muitas vezes é desconsiderado. Nesse sentido, Sedgwick (2007) aponta que a comunicação sobre a homossexualidade envolve questionamentos acerca da transitoriedade, transgressão e desmoralização da condição aos quais a heterossexualidade não é submetida:

No processo da autorrevelação gay, ao contrário, no contexto do século XX, questões de autoridade e de evidência podem ser as primeiras a surgir. “Como você sabe que é realmente gay? Por que a pressa de chegar a conclusões? Afinal, o que você diz se baseia apenas em poucos sentimentos e não em ações reais [ou, alternativamente, em algumas ações e não necessariamente em seus verdadeiros sentimentos]; que tal falar com um terapeuta e descobrir?” Tais respostas – e sua ocorrência nas pessoas que se assumiram pode parecer um eco retardado de sua ocorrência na pessoa que se assume – revelam quão problemático no presente é o conceito mesmo de identidade gay, e também quão intensa é a resistência a ela e o quanto a autoridade sobre sua definição se distanciou da própria pessoa gay – ele ou ela. (SEDWICK, 2007, p. 37)

Pesa ainda sobre a experiência das personagens o fato de residirem em cidades do interior de São Paulo: Ayla mora em Campinas e Raíssa em Sorocaba. Nesta região, posicionamentos conservadores por parte da população e dos políticos eleitos, sobretudo por influência de grupos religiosos, são comuns. Em Sorocaba, por exemplo, insurgiu um movimento contra a inclusão de temáticas referentes ao gênero e sexualidades LGBTQIA+ no Plano Municipal de Educação em



---

2015<sup>7</sup>. Raíssa se questiona sobre as condições de experiência das sexualidades em um local talvez menos conservador:

Será que se eu não morasse em Sorocaba, se meus pais tivessem crescido em um ambiente mais diverso como São Paulo, eu teria mais coragem de me assumir? (ALVES, 2019 p. 191)

Sabíamos que não existia uma cidade no mundo onde todas as pessoas queer podiam ser felizes e viver sem opressão, mas quanto menor o lugar, mais difícil era. (ALVES, 2019, p. 121)

As experiências das personagens se aproximam das discussões de Rich (2019) sobre a heterossexualidade compulsória, que se apresenta de diferentes formas. Presume-se que a heterossexualidade seja a preferência sexual da maioria das mulheres, como se existisse uma inclinação heterossexual natural (mística e biológica) que faz com que as mulheres se atraiam por homens. Daí deriva um viés no qual a experiência das mulheres lésbicas é “percebida numa escala que vai do desvio até a aberração, ou é simplesmente invisível.” (RICH, 2019, p. 31).

No espaço da escola, Raíssa compõe os “esquitos da turma” (ALVES, 2019, p. 15), e se sente diferente da maioria dos colegas. A escola em que estuda não tem armários físicos, mas simbólicos: “ninguém prendia a gente no armário da escola, como acontece nos filmes americanos (nossa escola nem tinha armário), mas sempre acabávamos sobrando quando tinha trabalho em grupo” (ALVES, 2019, p. 15). No entanto, como nos lembra Junqueira (2013), a escola é um espaço que reforça e insiste na produção, reprodução e atualização dos padrões da heteronormatividade. Ou seja, os armários simbólicos agem com afinco no espaço

---

<sup>7</sup>Para uma análise aprofundada deste movimento, ver artigo de Viviane Mendonça: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/45206>>.

escolar, prendendo e sufocando parte dos alunos. Nas palavras da personagem, “a escola às vezes consegue ser um lugar bem opressor. Sinto que as pessoas estão sempre esperando que eu seja alguém que não sou” (ALVES, 2019, p. 277).

No presente artigo, portanto, se analisa o que é ser jovem, lésbica, bissexual e estar no universo escolar, que é opressor. Ainda assim, a escola apresenta ferramentas para combate das opressões, exercício da autonomia e fomento de vozes para transformar as relações de poder. É usual encontrar jovens que gostam da escola, apesar das opressões que vivenciam nela, em razão de suas identidades raciais, de gênero e orientações sexuais não serem aceitas e defendidas pelo pensamento dominante. A realidade escolar é, contudo, composta por forças ditas dominantes e pelas tensões que representam suas múltiplas e diversificadas contradições. A escolarização ocorre em meio às tensões e disputas da socialização das mulheres, reforçando padrões e modelos à mesma medida em que rompe com outros e os recria. Não é incomum que jovens teçam as suas subjetividades enquanto contribuem para as tramas das transformações do tecido social mais amplo, composto pelas instituições que as socializam. Estas também modificadas pela interação com as jovens de modo a tornar a educação e a socialização faces de uma mesma moeda, que modifica os indivíduos e é modificada por quem por ela passa. Um exemplo disso, tão corriqueiro quanto expressivo, é a aquisição da linguagem e da norma culta. Aqueles que aprendem a escrever reproduzem um ensinamento tradicional, mas ao fazê-lo modificam seu uso, seu conteúdo e criam palavras e modos de usá-las, assim como encontram modos de buscar a transformação pela escrita, que pode ser considerada tradição. A escrita, o letramento e a linguagem são, assim, elementos que expressam o caráter revolucionário do que pode ser reacionário no cultivo de conteúdos e métodos



---

tanto tradicionais quanto conservadores em um primeiro momento, mas acabam por promover, apesar disso, mudanças efetivas na tessitura das relações sociais.

## 2. Mais visibilidade, menos armários

*“tudo o que vocês não disseram sobre mim  
com as minhas irmãs aprendi  
entre caminhos & desvios  
criamos léxicos pra coisa  
reconhecemos os sentimentos  
que levamos cravados no peito”  
Cecília Floresta<sup>8</sup>*

Por volta dos 12 anos de idade, Raíssa se descobriu uma garota lésbica. Até então, não tinha recursos para nomear o que sentia em relação às outras garotas. Para este movimento, a visibilidade encontrada ao assistir o seriado *Grey's Anatomy* foi fundamental: “A Callie foi a primeira personagem queer que eu vi nas telas. E acompanhar a história de uma mulher que se apaixona por outra foi fundamental para começar a entender minha própria sexualidade” (ALVES, 2019, p. 29).

No movimento de descoberta da sexualidade, as referências externas são marcantes. E, nesse sentido, ressalta-se que a descoberta, no sentido aplicado, se refere à percepção do desejo, seja qual for e em quaisquer direções. Assim, parece ser fundamental que estejam disponíveis referências positivas, diversificadas e não atreladas a modelos excludentes. Nesse sentido, conforme contribuição de Daniela Auad e Cláudia Lahni (2013), a presença de personagens lésbicas em séries:

---

<sup>8</sup>Escritora, editora e tradutora. Do poema “Epíteto”. Poema completo disponível em: <[https://we.riseup.net/assets/756839/existencialesbicaempoesia.pdf?ltclid=>](https://we.riseup.net/assets/756839/existencialesbicaempoesia.pdf?ltclid=).



concorre para ajudar a diminuir o preconceito, a partir do momento em que mostra os homossexuais não mais como caricaturas de seres humanos, estereotipadas e negativas, mas da forma como as pessoas simplesmente são, com seus conflitos, seus humores, suas características consideradas universais, suas pretensas particularidades e seus anseios. Ao obedecer a padrões de consumo e, portanto, mesmo não sendo muitas vezes observada, por olhares mais críticos, como a forma ideal, a visibilidade homossexual nas séries é uma realidade bem-vinda nos dias de hoje. (AUAD; LAHNI, 2013, p. 125)

Para Raíssa, o encontro com a personagem da série ajudou a encontrar maneiras de reconhecer e nomear os desejos, abrindo espaço para pensar sua relação com a diversidade de sexualidades que existe, sobre a qual nem sempre há pessoas para dialogar, assim prejudicando a experiência do exercício do desejo das jovens:

Sempre que as pessoas ao meu redor falavam de casais era homem e mulher. Menino e menina. Meus parentes queriam saber dos meus namoradinhos, não das namoradinhas. Toda vez que eu tentava comentar com meus pais sobre ter visto dois homens de mãos dadas, ou duas meninas se beijando, eles desconversavam. Às vezes diziam que era assunto para adulto. Às vezes respondiam que eram só amigos demonstrando carinho. Então, com o tempo, aprendi que não devia perguntar sobre aquilo. Nunca. (ALVES, 2019, p. 28)

Daniela Auad, Sabrina Lopes e Cláudia Lahni, observam que

a autodescoberta, o autoconhecimento e as relações familiares são temáticas centrais nas produções analisadas e se ligam à lesbianidade de alguma forma em todas, de modo a forjar discussões sobre a descoberta da sexualidade, sobre a reação familiar frente à “saída do armário” e (ainda) sobre a importância da existência de personagens LGBTs adultos, em



---

narrativas infanto-juvenis. Todas essas temáticas se relacionam ao enfrentamento e combate à LGBTfobia. (AUAD, LOPES e LAHNI, 2020, p. 237)

Assim, reconhece-se a importância da visibilidade que o livro de Clara Alves apresenta na literatura, em séries, novelas e outros produtos culturais e midiáticos, principalmente por se tratarem de obras dirigidas ao público juvenil. Oferecer a jovens adolescentes a possibilidade de conhecer personagens lésbicas e bissexuais, descrevendo seus sentimentos de maneira sensível e realista, pode ser referência para que construam as próprias preferências, desejos e orientações. Personagens baseadas em princesas com jornadas de busca de um príncipe e promessas de “felizes para sempre” já foram explorados à exaustão. Parece que estão em falta novas maneiras de contar a vida e a diversidade das possibilidades que as mulheres dispõem para vivenciar a sexualidade:

Às mulheres lésbicas recai a diferença hierarquizada do feminino (sempre em relação ao masculino como padrão hegemônico) e, soma-se a isso, a desigualdade relativa à homossexualidade. Duplamente desviantes, porque não homem e não heterossexual, as mulheres lésbicas sofrem, na maior parte do tempo, dupla discriminação, específicas desigualdades e muita invisibilidade no que se refere aos aspectos que definem sua identidade sexual e de gênero. Nesse sentido, os processos de identificação e as políticas de reconhecimento são uma necessidade e urge a construção de múltiplos modelos. Quanto mais opções disponíveis, mais possibilidades para exercício da sexualidade. E esse múltiplo leque também pode ser percebido como outra faceta da diversidade abordada no presente texto e, comumente associada ao termo, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum. Trata-se da existência de um número tal de modelos e padrões tanto quanto fosse a quantidade de tipos de pessoas que podem existir, onde quer que estejam e da

maneira como desejarem ser. Trata-se de ter como modelo o não-modelo. (AUAD e LAHNI, 2013, p. 124)

Destaca-se que mostrar a possibilidade de um futuro em que sua identidade seja motivo de orgulho e felicidade é de grande importância em programas juvenis, tanto para jovens LGBTs quanto para heterossexuais e cisgêneros. Cenas como essas importam para que estes, heteros e cis, possam aprender a conviver, respeitar e admirar também essas relações, e para que jovens LGBTs possam existir sem se sentirem fora do lugar, seja diante dos seus corpos, seja na sociedade, ambos em contínua construção. (AUAD, LOPES e LAHNI, 2020, p. 240)

### 3. Rachar, romper, escancarar portas

*“Amar outra mulher é descer pela beira de um rio que leva ao amor próprio  
É ver a curva de nível do mapa conjurar com um espaço onde caibam mulheres e suas  
construções”*  
Carol Dall Farra<sup>9</sup>

Isolamento, culpa, inadequação, vergonha, silenciamento e medo são alguns dos sentimentos e experiências que garotas não heterossexuais, como Raíssa e Ayla, vivenciam cotidianamente. Essas garotas encontram preconceitos, violência e invisibilidade na família, na escola e na mídia, sendo escassos os recursos que o mundo oferece para que entendam e acolham seus sentimentos e preferências. As personagens de Clara, que são como as ótimas companhias referidas por Todorov, convidam à reflexão e ensinam sobre os desafios enfrentados no percurso de reconhecimento dos desejos de jovens lésbicas e bissexuais.

*Conectadas* traz grande contribuição para a visibilidade da temática juventude e lesbianidades, além de gerar reflexão para que leitoras e leitores considerem a diversidade dentro do tema da sexualidade e, com isso, tenham mais

---

<sup>9</sup>Rapper, poeta e compositora. Do poema “Em meus olhos mora uma mulher”. Poema completo disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/756839/existencialesbicaempoesia.pdf?ltclid=>>>.



---

recursos para elaborar e se relacionar com seus próprios desejos. É um instrumento que abre portas, como a personagem da série que foi fundamental para Raíssa.

É preciso que circulem mais livros mostrando a diversidade infinita das formas de ser mulher, sem reforçar padrões e modelos conservadores nem apagar as diferenças nas e entre as mulheres. Tais livros contribuem para a visibilidade das diversas formas de vivenciar as sexualidades e relações, dando visibilidade às mulheres lésbicas e bissexuais. Nesse sentido, busca-se uma literatura que não reforce a homogeneização de todas as mulheres, fugindo ao ideal de princesa, assim como deseja-se que não sejam tratadas como universais as experiências de mulheres lésbicas, conforme alertado pela autora Natália Borges Polesso<sup>10</sup> em entrevista publicada na Revista Crioula, de 2019 (SANTOS e BARROSO, 2019). Diante disso, o mérito do livro *Conectadas*, de Clara Alves se reforça pela visibilidade que oferece à questão sem generalizações sobre como é ser uma jovem lésbica numa única cultura ou padrão e na construção de uma personagem complexa e questionadora da receptividade à sua sexualidade.

O público adolescente, tão às voltas com misturas de experimentações, descobertas, hormônios, redes sociais e inseguranças, necessita de potentes e múltiplas referências que os apoiem nos processos de construção das identidades, sexualidades e variadas interfaces e relações com o mundo, além de espaços qualificados de escuta em que seus medos e dúvidas possam ser aceitos e acolhidos. A literatura deve ser aliada neste processo, a depender de suas formas, conteúdos, temáticas e estratégias de distribuição. Tanto os livros impressos quanto conteúdos distribuídos na internet, lambe-lambes, produções artesanais e

---

<sup>10</sup>Escritora e pesquisadora, Natália venceu o prêmio Jabuti em 2016 com o livro de contos *Amora* (2015), que reúne histórias com protagonistas lésbicas em suas relações amorosas. Trata-se de obra primorosamente construída e escrita, da qual aproveitamos aqui para recomendar a leitura.

independentes, pichações, fanzines e HQs podem criar tensões, mover margens e fronteiras e abrir fendas, brechas e espaços diversificados de resistência, rompendo com os muitos armários utilizados para tentar nos aprisionar.

Por fim, destaca-se a importância de amplificar movimentos, expressões, conhecimentos e existências de e sobre mulheres lésbicas e bissexuais em diferentes ambientes, como na academia (AUAD, 2021; SILVA e ARAÚJO, 2021), na educação (AUAD, 2021), nas mídias, séries e literatura, de forma a combater vulnerabilidades e invisibilidades e fortalecer os vínculos e redes entre as mulheres (RICH, 2019; SILVA e ARAÚJO, 2021). Aconselha-se, então, independente de relações afetivo-sexuais, a união de mulheres lésbicas e não lésbicas na luta contra a homossexualidade compulsória e as problemáticas que a acompanham, com base na solidariedade, na cumplicidade e na cooperação.

Assim, fica estabelecida a ideia de que, como feito neste trabalho, feministas lésbicas, bissexuais e heterossexuais dialoguem com pesquisadoras, autoras e personagens não heterossexuais. Esse chamado, ao qual o presente texto responde e corresponde, se refere à constituição, manutenção e execução do que Adrienne Rich (2019) define como continuum lésbico, tema reservado para uma outra oportunidade de diálogo textual...



---

## Referências bibliográficas

ALVES, Clara. *Conectadas*. São Paulo: Seguinte, 2019.

AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. *Revista Estudos Feministas*, Dossiê “Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar”, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-15, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/3094>>. Acesso em 27 jul. 2022.

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia. *Eptic*, Sergipe, UFS, v. 15, n. 3, p. 117-130, set. dez. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/1360>>. Acesso em 03 jul. 2022.

AUAD, Daniela; LOPES, Sabrina Fernandes Pereira; LAHNI, Cláudia Regina. Lésbicas e Bissexuais em Narrativas Adolescentes: um olhar feminista sobre produções seriadas para TV e Internet. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 230-252, jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11355/7523>>. Acesso em 27 jul. 2022.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

DIAS, Isadora Maria Santos. *Bissexualidade e a necessidade de dizer*. Publicado em 18 jun. 2017. Disponível em: <<http://gelbcunb.blogspot.com/2017/06/bissexualidade-e-necessidade-de-dizer.html>>. Acesso em 15 nov. 2022.

JUNQUEIRA, Rogério. A Pedagogia do armário: a normatividade em ação. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p. 418-498, jul. dez. 2013. Disponível em:

<<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>>. Acesso em 03 jul. 2022.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34, 2009.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

SANTOS, Claudiana Gois; BARROSO, Carolina Hartfiel. Por uma rede que atravesse os tempos e que dê à produção lésbica a noção de continuidade: entrevista com Natalia Borges Polesso. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 24, p. 240-245, 2. sem. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/162513/158692>>. Acesso em 25 jul. 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan. jun. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 03 jul. 2022.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAÚJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. *Revista Estudos Feministas*, Dossiê "Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar", Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-13, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/3094>>. Acesso em 27 jul. 2022.

Recebido em 30/07/2022

Aceito em 09/11/2022